

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 12, 2022

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores:

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. ARTIGO	
Peter Finke: Futuro, conhecimento e línguas: Porque um gaiaceno seria a melhor era humana.....	3
3. MINIRRESENHA	23
<i>Corpus-Assisted Ecolinguistics</i> , de Robert Poole.....	23
4. PALESTRAS	24
5. EVENTOS	24
6. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS	25
7. PUBLICAÇÕES	30
8. INFORMAÇÕES	32

1. INTRODUÇÃO

Eis mais um número de nosso *Boletim do GEPLÉ*, com muito material de interesse ecolinguístico. Ele começa em grande estilo, com o artigo “Futuro, conhecimento e línguas: Porque um gaiaceno é a melhor era humana” do ecologista, filósofo e ecolinguista alemão Peter Finke, uma das principais fontes de inspiração para a Linguística Ecolinguística. A publicação original do artigo saiu em *ECO-REBEL* v. 8, n. 2, 2022, em alemão, acessível aqui:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/44293/33869>

Agora as pessoas que não conhecem o alemão podem ler o artigo em português. Temos também uma miniresenha do livro *Corpus-Assisted Ecolinguistics*, de Robert Poole, publicado na série da Bloomsbury, de Londres.

A seguir, vêm seções que contêm muitas informações sobre palestras de cunho ecolinguístico, sobre eventos e resumos de teses, dissertações e monografias ecolinguísticas publicadas nos últimos anos. O número termina com outras informações de interesse para os ecolinguistas.

Este é o número mais volumoso de nosso boletim até o presente momento.

* * * * *

2. ARTIGO

FUTURO, CONHECIMENTO E LÍNGUAS: PORQUE UM GAIACENO É A MELHOR ERA HUMANA

Peter L. W. Finke (Bielefeld, Alemanha)

VISÃO GERAL

Primeira Parte: Pressupostos

Segunda Parte: O fim do antropoceno

Terceira Parte: A importância da linguística

Quarta Parte: Consequências

1. Meu amigo, a realidade e a racionalidade

Eu tenho um amigo que é um bom jornalista científico. Ele é biólogo e trabalha em tempo integral para uma respeitada revista de informações populares sobre ciência¹. Parece conhecer bem duas coisas: a realidade e a racionalidade. Como eu, seu amor especial é o mundo dos pássaros. A realidade mutável deles hoje é sobretudo o lento ou rápido desaparecimento de muitas espécies, e razões para as quais encontramos na habitual mescla de racionalidade e irracionalidade humanas. Ao contrário de mim, ele viajou para todos os continentes, compilou uma lista muito longa de espécies e pôde observar a raridade e extinção de muitas delas frequentemente no local. Seu conhecimento é impressionante.

Quando ele escreve sobre esse assunto, cita muitas causas: mudanças climáticas provocadas pelo homem, crescimento populacional descontrolado, expansão incontrollável da população e supressão da natureza, além da luta contra a fome através da agricultura industrializada moderna, a destruição das outrora grandes florestas primitivas para colher novas terras agricultáveis, a drenagem de charnecas e pântanos para construção e tráfego, a compra e venda de tudo por toda parte que não pára por nada e só compreende uma diversidade: aquela que nós mesmos produzimos, com nossa mente voltada para a descartabilidade, o lixo nos mares, no solo e no ar, cheios microplásticos e resíduos de drogas, e assim por diante. Tudo bem, mas ele comete mais um erro: a economia e a política são repetidamente mencionadas como as principais culpadas, mas a ciência nunca é mencionada. Para ela ele previa apenas o papel de esclarecedora, o poder da razão que nos permite ver o que estamos fazendo de errado. Sua compreensão da racionalidade é cega de um olho: ele não percebe que a ciência provocou tudo isso e continua estimulando-o e reforçando-o ainda hoje.

Na verdade, a ciência consiste não apenas de belas disciplinas que podem agradar, mas também daquelas que não se encaixam em nada nesse quadro míope: aquelas que prepararam todo o conhecimento que essas ações acarretaram. Ela consiste não apenas de análises, mas também de muitas sínteses: teorias que resumem uma área problemática em algumas leis ou regras ou hipoteticamente generalizam casos individuais. Consiste em mil pedaços de conhecimento que apenas coletamos como conchas na praia. Estritamente falando, a nova ciência não é mais uma unidade, mas ao longo do tempo tornou-se um grande armazém geral de ciências naturais e culturais, tecnologia e humanidades, ciências sociais e formais. Por exemplo, inclui não apenas ecologia, mas também economia. E não são apenas os críticos do crescimento que ensinam e pesquisam, mas muitos outros promotores do crescimento e apologistas. Mas para meu amigo, a ciência ainda é o epítome de nossa inteligência humana; ele ignora o fato de que ela inclui também a estupidez e a mantém viva. Sua consciência crítica se estende apenas às atividades malignas desses campos de ação externos; para ele a ciência é apenas a encarnação do bem, a busca do conhecimento e da verdade².

2. Elogiar e culpar a ciência

Na minha opinião, isso é um grande erro. Uma consciência crítica é necessária em todos os lugares, especialmente na e para a ciência, mas também para os jornalistas científicos. Ela não é o epítome de nossa inteligência sozinha, mas, como sua história mostrou, um espelho de tudo o que sempre pensamos ser inteligente. Entre essas coisas - como sabemos hoje ou pelo menos suspeitamos - havia muita coisa estúpida, e algumas coisas ainda estão por aí. Não uma visão embelezada e tendenciosa da realidade, mas apenas um senso de realidade não embelezado e aberto que toma as ciências como elas são e age como uma mistura de razão e desrazão, conhecimento e tatear às cegas. O que chamamos de "conhecimento" é apenas uma busca, uma aproximação a um ideal; na verdade, consiste no que essa busca às vezes produz e encontra uma clara ressonância afirmativa entre a comunidade de cientistas. Somente quando aceitamos essa avaliação crítica podemos realmente começar a nos tornar aptos para o futuro. Antes disso, continuamos sem liberdade e dependentes, prisioneiros da cultura do conhecimento de hoje. Mas isso sempre mudou junto com os respectivos poderes governantes; mas é um erro pensar que isso tenha mudado fundamentalmente. Ela se libertou de erros, por exemplo, o Papa e sua Inquisição, mas logo se tornou dependente de outros. Hoje é tão dependente dos negócios e da política quanto era da

Igreja na Idade Média. Sua liberdade é uma bela aparência, uma boa ideia para orientação, mas não a realidade³.

Porém, uma coisa fica muito claro: a ciência que temos não é ruim; no geral é muito boa. Suas análises da situação atual podem não ser perfeitas, mas são melhores do que qualquer outra coisa que nos é oferecida. Por isso, apenas algumas gerações atrás, ela era justamente um farol de esperança: que ela perpetuaria o progresso e traria uma época em que apenas a razão governaria. Depois vieram duas guerras mundiais e hoje não se pode descartar que haverá também uma terceira. O que aconteceu com o farol da esperança? Uma promessa tecnológica aberta a todos os problemas? Não mais? O real nunca é o ideal, mas é o melhor que temos atualmente em termos de racionalidade. Não garante fé cega, mas garante confiança. Ela nos dá a imagem atualmente mais bem fundamentada da realidade. Portanto, a ciência merece nosso louvor. Só não se deve esquecer a censura. Elas se relacionam mutuamente. Realidade absolutamente louvável não existe. Ela é tão inexistente quanto o que resta do outrora irrestrito portador de esperança: um portador de muitos medos e ansiedades.

Para muitas pessoas, essa percepção é obviamente muito complicada. Nada louvável é para elas motivo de culpa. Aparentemente esta é a razão pela qual a crítica científica não é muito popular, é vista como um *hobby* de quem a odeia ou como uma obsessão de dogmáticos. O desprezo pela ciência é bastante comum. Para quem pensa assim, uma coisa só pode ser boa ou ruim. E como a ciência goza de um alto valor de imagem e simpatia, muitas vezes é poupada das críticas daqueles que dela dependem. Meu amigo parece pensar assim. Pelo menos ele fala ou escreve sobre o assunto. Mas isso não é razoável: a crítica sempre faz parte de qualquer coisa que se baseie em argumentos.

A ciência pode cometer muitos erros, mas isso é normal em todas as buscas por caminhos novos e desconhecidos e é compatível com o segui-los no começo. Somos e continuaremos sendo seres propensos a erros. E, no entanto, esses erros são particularmente irritantes porque já são antigos, desaparecem na consciência e, portanto, são continuados em vez de serem eliminados além de ajudarem a moldar uma cultura de conhecimento que, estritamente falando, os superou. Este é o caso hoje com vários princípios. Duas são de tal impacto que as considerarei mais detalhadamente a seguir: lidar com a verdade e lidar com a prática.

3. Modismos no Conhecimento e Velhos Erros: Lógica e Ética

Muitas pessoas não percebem que existem também modas no conhecimento e que a história da ciência é também uma história da moda de diferentes culturas de conhecimento. Hoje, por exemplo, a ciência é moldada pelas ciências naturais, mas, nem sempre foi assim. Há apenas duzentos anos, no tempo de Goethe, a ciência natural era apenas um conhecimento que estava surgindo e tentando emergir. Naquela época, a jurisprudência, a antiguidade e a estética eram muito mais valorizadas do que, por exemplo, a geologia ou mesmo a biologia. O próprio Goethe tentou ajudar a determinar um novo desenvolvimento e assim encarna o intelectual de um período de transição em que a moda científica estava mudando.

Portanto, pode ser particularmente interessante para um historiador da ciência que algumas definições muito antigas tenham resistido tão teimosamente a todas as tendências da moda que ainda dominam o pensamento cotidiano hoje sem que a maioria das pessoas perceba. A mais marcante delas diz respeito a lidar com a verdade que sempre foi buscada. O fato de que algo que não é falso deve ser verdadeiro e vice-versa estava evidentemente tão amplamente ancorado na velha Europa que permaneceu como

parte das crenças cotidianas até hoje. Hoje, a lógica binária – verdadeira ou falsa, não há terceiros – tornou-se até mesmo a base tecnológica da era do computador que está remodelando o presente e comemorando seu feliz nascimento como digitalização, mesmo na reformulação da política e dos negócios. Algo está acontecendo aqui que parece ser a segunda fase da colonização, na primeira da qual os europeus conquistaram a terra ainda em grande parte desconhecida juntamente com suas culturas e povos, fazendo um desvio pela América do Norte e do Sul com campanhas de conquista, violência armada, imponto valores cristãos subjugando os nativos tornou-se dóceis. Hoje, a distinção digital entre a *corrente flui* e a *corrente não flui* também domina culturas em regiões que há muito favoreciam nuances equilibradoras entre verdadeiro e falso ou noções de síntese e ideias de equilíbrio (budismo, confucionismo, relação ying-yang), uma vez que a economia ainda não tinha se tornado o principal motor do desenvolvimento político e cultural.

A bela simplicidade da lógica binária é suficiente para muitas ocasiões que não exigem muita sofisticação. As culturas europeias há muito estão acostumadas a considerar uma distinção tão grosseira quanto a que se vê entre verdadeiro e falso como suficiente, até mesmo normal. Os pioneiros da computação norte-americana, sem hesitar fizeram desse esquema lógico simples a base de uma nova tecnologia que inaugurou a era digital para o que parecia ultrapassado na era analógica. Comparado com as experiências de culturas indianas, chinesas e japonesas em particular, mas também africanas e americanas antigas, isso é teoricamente um passo para trás na direção de uma visão de mundo sim-não que já se pensava ter sido superada. Na era anterior das analogias, agora ultrapassadas, olhava-se mais realisticamente para a eletricidade e via-se que ela podia fluir, tornar-se mais forte e mais fraca. Hoje, apenas o pico de energia digital de ligado vs. desligado permanece.

Ao retrocesso teórico corresponde o prático: definir o conhecimento sem referência à ação e desenvolver uma teoria da ciência sem incluir a ética. Em vez disso, por muito tempo foi considerado um progresso dividir a filosofia em disciplinas e separar epistemologia e ética uma da outra. Este erro aparece nas tentativas de aplicar o conhecimento. Em vez de definir o conceito de conhecimento de tal forma que as potenciais aplicações úteis sejam sempre consideradas e decidam se algo é aceitável como conhecimento, esses problemas, que só surgem quando ações concretas são tomadas, são terceirizados para a ética como uma disciplina filosófica independente. Desta forma, alcança-se uma definição de conhecimento livre de ética e então, ao agir, deve-se realizar uma chamada avaliação de tecnologia, por exemplo, sendo que se poderia ter mais possibilidades de se evitar consequências desarrasoadas com uma definição mais racional de conhecimento. Christine von Weizsäcker mostrou que a racionalidade da natureza prefere esse caminho. Seu princípio de errofilia realmente evita erros que põem em risco a vida, em vez de apenas contê-los inadequadamente por meio de "estimativa"⁵.

4. Passado, presente e futuro

Os cientistas gostam de se basear em fatos. Fatos e suas descobertas são uma força da ciência, mas o que é um fato às vezes não é fácil de dizer. Não se pode apontar para eles sem dizer uma palavra como se pode apontar para coisas ou eventos; é preciso uma formulação linguística, uma frase, para que sejam nomeados com algum grau de precisão. No entanto, não há uma formulação linguística correta, porque existem muitas línguas diferentes. Todos eles devem ser capazes de expressar as diferentes fases do

tempo (“Tempora”). No entanto, a ciência pode lidar muito bem com as diferentes formas de percepção do tempo. Funciona melhor com o tempo presente, porque é onde observações diretas ou mesmo experimentos confirmatórios podem ser feitos com candidatos a fatos. É muito mais difícil com o passado porque você sempre depende de documentos, e a qualidade desses documentos pode variar muito. Torna-se particularmente difícil em tempos passados, em que as poderosas forças cambiantes queriam ter uma opinião sobre o que é um fato: deuses supostamente onipotentes, príncipes ou reis realmente poderosos, incluindo o papa. Ou mesmo nos primeiros dias da evolução, quando nenhum documento de linguagem existia porque os humanos e sua capacidade de falar ainda não existiam.

Fica muito difícil quando a ciência quer voltar sua atenção para o futuro. É grotesco que, embora ela se orgulhe de sua capacidade de prever e não tenha estudado nada tão de perto quanto a estrutura lógica das previsões, apenas as declarações mais simplistas sobre eventos futuros permaneçam. A maioria das previsões depende de tantas condições ambientais, incluindo coincidências, que ninguém pode prever, que não valem o papel em que podem ser escritas. No início do corrente ano de 2022, sabia-se que havia uma quantidade impressionante de maquinaria de guerra russa perto das fronteiras com a Ucrânia. Mas à pergunta ansiosa de que eles provavelmente não queriam invadir o país, Putin e seu governo sempre respondiam “Não, claro que não”. Como os fatos mostraram o contrário, no entanto, todas as avaliações de desenvolvimentos futuros foram subitamente desrespeitadas. Ninguém pode prever o futuro da Terra. Não apenas mentiras, mas sobretudo o erro e a ignorância se opõem a ela.

Apesar disso, ela ainda é o centro das atenções. O futuro está em jogo hoje. O que não foi um tema de preocupação por muito tempo porque a Terra parecia grande e relativamente deserta; desde o século 19 houve o triunfo da tecnologia, da industrialização, além das explosões populacionais do século 20. Hoje a terra de repente parece pequena para nós, quase pequena demais para acomodar e alimentar todo o número cada vez maior de pessoas; já está cheia; cheia até demais. Os poucos economistas inteligentes como Herman Daly há muito reconhecem isso e alertam para os perigos. A imaginação de muitos se volta para o espaço sideral, que parece oferecer espaço suficiente para todos, lembre-se, de todos os humanos. Não pensamos nas outras criaturas ao nosso redor, que parecem ser objetos úteis ou enfeites estéticos verdes, coloridos e engraçados, cujo significado existencial nunca entendemos; somos só nós, o povo, cujo futuro nos preocupa agora.

5. Porque ainda não somos uma sociedade da ciência até agora e garantidora de futuro

Ao mesmo tempo, recebemos as pessoas continuam cochichando em nossos ouvidos: Hoje somos uma sociedade do conhecimento. Eu acredito que isso é errado. Talvez gostássemos de sê-lo, porque o valor do conhecimento como recurso já foi reconhecido. Mas quando você olha para isso à luz do dia, ainda somos a sociedade do não-conhecimento que existia antes. Comparado com o que não sabemos, nosso conhecimento é pequeno, fraco e inconstante. A ciência deve ser caracterizada menos pelo que oferece como conhecimento, com muitas reservas, do que pela tentativa razoável de abrir caminho através da ignorância geral. Todo conhecimento empírico – ou seja, a tentativa da ciência de apreender a realidade que nos cerca – é hipotético, ou

seja, tem uma estrutura “se-então” do ponto de vista lógico. A cláusula “se” deve incluir tantos pré-requisitos relevantes quanto possível, mas isso não é possível; este é um conjunto aberto e não pode ser enumerado exatamente. Os especialistas “acreditam” que ainda estão suficientemente corretos. Estritamente falando, portanto, a confiabilidade da conclusão formulada na cláusula “então” (do “conhecimento” derivado dessa crença) também não permite falar de exatidão; muitos cientistas fazem isso de qualquer maneira, embora seu conhecimento também seja baseado em uma crença. Céticos estritos, como Sócrates, portanto, insistem que nosso conhecimento empírico é fundamentalmente incerto⁶.

É essa grande falta de conhecimento que leva a outro erro comum: levamos muito pouco a sério nossa própria viabilidade futura. Sempre houve um futuro, então acreditamos que ainda haverá um futuro. Mas em vista da irracionalidade desenfreada da ruptura e destruição de nosso planeta vivo – a Terra – que está ocorrendo hoje, pelo menos se tornou questionável se ainda temos um futuro aqui. Um pouco antes de sua morte Stephen Hawking disse que ainda tínhamos cerca de cem anos para colonizar novos planetas. Ele provavelmente via isso apenas como um desafio técnico. Ainda bem que ele não pôde questionar as plantas e os animais que agora estão morrendo, nos quais ele também não ficou de olho; para eles o futuro termina agora.

O início e o fim de uma época sempre foi um problema com o qual achamos difícil lidar. Isso se deve à nossa propensão a simplificar ao máximo as coisas difíceis. Preferimos traçar uma linha quando queremos marcar um Estado ou apenas um pedaço de terra, por exemplo. Esta linha tem um significado legal. Tem comprimento, mas não largura, e isso por si só já introduz um erro. Os sapos podem nos ensinar isso, porque são especialistas em limites. Como anfíbios, eles podem viver parte do tempo em terra firme e parte do tempo em água úmida, mas na verdade eles nos lembram, como moradores da zona de transição úmida, o que realmente são os limites: não linhas, mas sim zonas de transição, espaços entre outros espaços. Às vezes, são espaços de vida estreitos, mas geralmente mais amplos, separados para aqueles que estão mais em casa. A natureza só conhece espaços, não há linhas. Demarca seus ecossistemas (as florestas, as águas, as montanhas etc.) por tais zonas de transição: não por linhas, mas por espaços de transição; cada margem natural, por exemplo, é um habitat específico para organismos que se adaptaram a ele. É por isso que gosto de chamar essas fronteiras de “zonas anfíbias”⁷.

Para a natureza, as zonas anfíbias são a solução normal e inteligente para o problema das fronteiras. Mas nós, humanos, orgulhosos de nossas conquistas culturais, aprendemos muito pouco com elas. Por esta razão, pequenas guerras dificilmente reconhecíveis de fora são muitas vezes travadas nas cercas lineares dos jardins, e grandes guerras nas fronteiras dos estados, embora um olhar mais atento possa nos mostrar que o fim de uma área e o início de outra não podem ser determinados por uma linha tão arbitrariamente quanto gostaríamos. Toda cultura se difunde de suas fronteiras para a próxima e recebe impulsos de mudança a partir dela. Isso é normal, não é um caso especial ou exceção⁸. Os apologistas da “pureza cultural”, que são muitos, estão em desacordo com a realidade, que eles gostariam de ter como seu esquema normal da ordem simples quereriam ter. Eles não entendem que o novo, a mudança, sempre têm que vir de fora. Isto não é apenas um problema em nossa compreensão do espaço, mas também do tempo. As linhas que os historiadores traçam entre épocas também estabelecem começos e fins arbitrários no tempo; há evidências antes ou depois de quase tudo. Nosso conhecimento certamente cresceu ao longo do tempo, mas os juízes

do filósofo grego Sócrates superestimaram muito a extensão desse crescimento, como fazemos hoje. Johann Nestroy disse com razão: "Em geral, o progresso se mostra muito maior do que realmente é". Nossa viabilidade futura não é de forma alguma garantida pelo que fazemos hoje, porque somos apenas uma pequena parte do sistema de vida ligado à terra. Mas nós, humanos, somos a parte realmente problemática.

Segunda parte: O antropoceno falhou

6. Otimistas, pessimistas, crença e conhecimento

Aparentemente as pessoas não querem ouvir que estão negando a realidade, nem que sua racionalidade ainda está misturada com irracionalidade. É um equívoco pensar que a estupidez está sendo cada vez mais substituída pela crescente sabedoria. A estupidez depende da conveniência, do hábito da familiaridade com ela. Ela é muito mais persistente do que qualquer coisa que a desafie. Antes de nos dispormos a mudar alguma coisa, tentamos continuar com o que estamos acostumados o máximo que pudermos – até com mais força – porque dizem que foi comprovado. "Tudo vai ficar bem" é, portanto, um princípio muito ouvido e apreciado. O otimismo é popular. Em todos os momentos, os otimistas têm sido particularmente populares como premonitores⁹. A propósito, os pessimistas não fazem nada melhor. Você se torna instantaneamente impopular. O pessimismo não vende nada; os livros de não-ficção mais vendidos de atualmente são escritos por otimistas. Eles geralmente têm também um pouco de pessimismo, mas apenas o suficiente para tornar interessante um novo livro que precisa de atenção¹⁰.

A nossa própria estrutura lógica normal de conhecer nos mostra que nosso conhecimento é baseado em uma crença pressuposta. Como, portanto, não podemos realmente saber como será o futuro, os sistemas de crenças estão crescendo novamente. Ninguém teria pensado nisso depois da época do Iluminismo. E as coisas são mesmo assim. Em contraste com o conhecimento, a fé é, em princípio, mais cautelosa em relação ao futuro. Certamente não é por acaso que cientistas a quem se pede opinião sobre fatos muito gerais de sua área de competência costumam dizer: "Acredito que seja assim e assim". Eu mesmo acredito que se pode aprender algo com isso, a saber, que a fronteira entre racionalidade e irracionalidade, como outras fronteiras, não é uma linha que separa nitidamente as duas uma da outra, mas uma zona de transição que permite a racionalidade em algumas formas de crença tanto quanto a irracionalidade em algumas formas de conhecimento. Será que separamos apressadamente o conhecimento da crença? Inversamente, atribuímos apressadamente a crença ao reino da não-racionalidade?

Se for esse o caso, então de repente a filosofia está no centro dos debates atuais, não a economia ou a biologia. A filosofia tem cara de Jano. Por um lado, você pode estudá-la como uma ciência, por outro lado, é algo diferente que escapa às atividades normais de estudo. Carl-Friedrich von Weizsäcker chamou o método filosófico de "pensar adiante" – uma definição boa e curta. Onde quer que estejamos, de onde viemos – das crenças em uma disciplina científica ou do que a experiência de vida nos ensinou – podemos pensar antes o que pode acontecer.

Existe hoje uma filosofia acadêmica muito ampla que se baseia essencialmente na matemática e nas ciências naturais e que domina amplamente a compreensão popular atual do conhecimento: a filosofia analítica¹¹. Aqueles que se formam nela são

apresentados a uma cultura muito ambiciosa, mas também unilateral, de conhecimento. É a continuação direta do que foi chamado de "Iluminismo" na Europa na época e foi promovido em particular por filósofos da França, Inglaterra e Alemanha em benefício da ciência, política e negócios. Hoje, isso continua em particular nos Estados Unidos, cujas oito maiores universidades são consideradas detêm o auge da ciência no mundo.

O Iluminismo europeu foi uma grande conquista da civilização, que queria libertar as pessoas de sua "imaturidade autoinfligida" (Kant) e na verdade as libertou em grande parte da Europa. Mas a visão europeia da terra naquela época dificilmente era moldada pelo conhecimento, mas sim pelo otimismo e por preconceitos cegos: o racismo das pessoas de pele branca, o cristianismo que se autoproclamava nobre e moralmente bom, a falta de compreensão, até mesmo a ignorância de outras línguas e culturas, o sentimento de superioridade dos próprios iluministas e, como consequência do trabalho missionário de grande alcance no resto do mundo com crucifixos, armas, assassinato e escravidão. A divisão atual da terra em ricos e pobres, vencedores e perdedores da história tem suas raízes aqui. Pela ampla influência e pelo rigor da filosofia analítica, as consequências desse desenvolvimento ainda estão sendo introduzidas na ciência hoje, tornando-a guardiã reducionista do que Kant, em particular, preconizava como "razão", moldada por essas raízes. Qualquer "crença" foi empurrada para a irracionalidade - uma decisão errada e altamente problemática.

Nos últimos tempos o filósofo Jürgen Habermas diz que nosso tempo é chamado a ressignificar a relação entre fé e conhecimento¹². Eu penso que sim. Se a linguagem foi o tópico do século 20 descoberto tardiamente que transcendeu muitas abordagens filosóficas, a dependência de nosso conhecimento a sistemas de crença poderia moldar o século 21. Se isso acontecesse, seria também o fim da cultura do conhecimento moldada pelas ciências naturais. Porque são as humanidades e os estudos culturais que há muito examinam a importância dos sistemas de crenças para toda a nossa vida. Ao enfatizar seu papel, não estou dizendo que não importa quais objetivos buscamos. Eu começo com um objetivo irracional.

7. Um objetivo irracional: o Antropoceno

Se as pessoas do passado tivessem sido livres para nomear uma idade que considerassem válida, provavelmente seria uma que os libertaria o máximo possível de desastres naturais, doenças e dificuldades da vida cotidiana. Esta seria uma era em que não mais deuses invisíveis, mas poderosos, ou governantes visíveis, mas muitas vezes injustos, governariam suas vidas, mas eles mesmos; como grupo, mas também cada vez mais como indivíduos. É óbvio até que ponto as pessoas individuais vieram à tona nos séculos que se passaram desde a Idade Média. Nossos ancestrais, que conheciam as dificuldades da vida cotidiana e da sobrevivência de uma maneira muito mais drástica do que nós, poderiam ter chamado a nova era desejada de "Antropoceno", a era do homem. E a emancipação do homem em uma espécie livre e autodeterminada, independente de diretivas e poderes superiores, foi de fato um grande avanço cultural. Ele avançou muitas coisas relacionadas à luta do homem pela liberdade, incluindo a democracia, o judiciário, a economia e a ciência, tudo como temos hoje. No entanto, teria sido um objetivo irracional. Pois teria sido egoísta e míope não pensar no bem da terra, mas apenas no do homem, seu próprio bem.

Na verdade, temos essa idade. Não é perfeita, mas percorre um longo caminho para cumprir esses objetivos. Quando o ganhador do Prêmio Nobel de Química Paul Crutzen sugeriu aos estratígrafos de pensamento geológico tradicional que chamassem o tempo

presente disso e o tratassem como a idade geológica atual, ele fez uma afirmação factual¹³. Porque não há como negar que estamos vivendo em uma época em que uma única espécie, o *Homo sapiens*, está dominando, influenciando, transformando toda a Terra. Isso só aconteceu uma vez na longa história da Terra, muito antes do desenvolvimento das plantas e animais: quando as cianobactérias (as chamadas algas verde-azuladas, um nome impróprio) se desenvolveram como o primeiro tipo de ser vivo e através de sua alimentação cada vez mais oxigênio foi liberado, criando, primeiro, uma atmosfera contendo oxigênio e, só mais tarde, criou plantas e animais. Essa incrível história evolutiva da Terra, que finalmente tornou possível a vida e sua subsequente diversidade, foi descrita por James Lovelock e Lynn Margulies em sua Hipótese Gaia. Foi assim que *Anthropos*, o ser humano, finalmente surgiu. Um Antropoceno esclarecido não seria ruim se realmente fizesse da razão a força dominante, mas não é o caso.

Este Antropoceno acabou por ser irracional. A ponto de a maioria dos cientistas concordar que continuar com o Antropoceno de hoje inalterado simplesmente levaria à catástrofe. O próprio Crutzen permaneceu cético até sua morte sobre se seríamos capazes de transformar tudo em racionalidade. Seu erro não foi lidar com o fato de que esse Antropoceno real se tornou uma ideologia. As ideologias não são objetos de estudo para os cientistas, porque são produtos culturais. São perspectivas que estão sempre associadas a uma perda da realidade, pontos cegos e falhas na nossa percepção da realidade. O Antropoceno de fato que recebemos desconsidera a conquista central do desenvolvimento humano, nossa capacidade de raciocinar. Se assumirmos que todas as condições de enquadramento natural e cultural permanecerão estáveis no longo prazo, há muito a sugerir que a extensão da irracionalidade humana, que é justificadamente preocupante hoje, permanecerá a mesma e que não há ninguém à vista além de nós mesmos que teria o poder de mudar este desenvolvimento no futuro próximo. A mudança climática de hoje é de fato causada pelo homem, assim como a regressão da biodiversidade natural. Ela excede em muito a taxa normal de perdas evolutivas normais, e ainda mais no caso de perdas na diversidade cultural, cujas causas econômicas e políticas locais são inconfundíveis nos perigos reconhecidos tardiamente da proliferação humana e no abismo entre ricos e pobres que está dividindo a terra. Tudo se deve inicialmente à nossa ignorância e, depois, à nossa falta de vontade de aprender e mudar hábitos. E isso significa: temos que agir agora, e de forma fundamental. Ninguém faz isso por nós: "É a nossa vez"¹⁴.

8. Um objetivo mais sensato: o Gaiaceno

Diferentemente do Antropoceno de Paul Crutzen, um conceito factual, meu Gaiaceno, que oponho a ele, é um conceito desejável¹⁵. Desejo que nossas ações não estejam relacionadas apenas ao bem-estar do homem, mas às suas chances de sobrevivência na terra, levando em conta todas as conquistas da evolução natural e cultural. Mas antes de começarmos a balançar a cabeça para um pesquisador científico crítico com desejos em vez de nos atermos aos fatos, permitam-me dar alguns exemplos que mostram que desejos razoáveis são um objetivo perfeitamente legítimo e frequentemente expresso dos cientistas.

O pré-socrático Demócrito queria descrever a estrutura da matéria a partir de simples "átomos" indivisíveis. Ninguém se ofendeu com isso, pelo contrário: seu desejo deu a gerações inteiras de físicos um objetivo de trabalho significativo até hoje e serviu até de estímulo para cientistas de outras disciplinas. Entre outras coisas, Aristóteles queria

fundar o arcabouço elementar da ciência, da filosofia e da lógica, e inventou a silogística para esse fim. Um bom começo, que durante muito tempo até se pensou ter acabado (um erro, como agora sabemos). Copérnico e Kepler desejavam conciliar suas observações e raciocínios, mesmo correndo o risco de entrar em conflito com o poder dominante da Igreja. Essa foi a consequência que Galileu, por exemplo, sentiu na carne. Liebig queria ajudar os agricultores com solo pobre inventando um fertilizante artificial. Ele não previu que isso também possibilitaria uma expansão da agricultura extremamente prejudicial à diversidade da natureza. Darwin desejou e viu a possibilidade de explicar a origem da biodiversidade sem apelar para o trabalho criativo de um deus. Como resultado de sua consistência, ele aceitou graves mal-entendidos e hostilidades, que ainda têm consequências políticas severas para os cristãos que creem na Bíblia nos EUA, por exemplo, onde o “darwinismo” é considerado um pecado mortal e um grave fracasso político no setor escolar. Os físicos quânticos modernos muitas vezes ainda sentem o desejo compreensível de demonstrar a unidade de toda a física, porque os processos da mecânica quântica parecem estar sujeitos a condições de estrutura completamente diferentes daquelas que conhecemos da física escolar clássica¹⁶.

Até para os cientistas, os desejos eram e às vezes são uma coisa perfeitamente normal e legítima na atividade científica, se estiverem relacionados a um objetivo razoável que se pode ter e justificar como especialista em algo. Isso vale ainda mais para não cientistas como eu, para aqueles que descrevem épocas históricas, descobrem correntes que permaneceram ocultas até agora, ou intérpretes de uma mudança que está ganhando terreno ou é urgentemente necessária. Eles fazem algo sensato quando seus desejos podem ser bem justificados. Que acabemos com a arrogância descarada do atual Antropoceno o mais rápido possível é um desejo bem fundamentado. Porque ele abre um caminho para nós, os únicos governantes da terra, que a prejudica muito mais do que ela pode tolerar a longo prazo.

Mas não estou apegado ao meu pensamento de desejo. Se outros pensam que o repensar necessário ainda pode ser alcançado no Antropoceno, então lhe dão um novo significado, e que vão em frente. Não acredito nisso, porque, do meu ponto de vista, uma época que se tornou tão confortável tornou-se decadente e incapaz de reforma. Todas as tendências que se observam hoje falam a favor disso. Mudar isso exigiria um grau tão alto de coragem civil para se afirmar contra hábitos e instituições tão poderosas que não confio mais nos prisioneiros dessa ideologia, que foram afrouxados na loucura do *homo deos*¹⁷. É por isso que estou dando um novo nome ao sucesso que exige a coragem para essa mudança, mesmo que seja a pessoa que – se alguém pode fazê-lo – ainda tem que realizá-la. Meu Gaiaceno também é uma idade humana, mas melhor.

9. Estamos no fim da era baconiana

Em 1993, o filósofo alemão Gernot Böhme publicou um importante livro, com estudos sobre o desenvolvimento da ciência, que recebeu pouca atenção¹⁸. Ele o intitulou *Am Ende des Baconschen Zeitalters (No final da era baconiana)* e não apenas identificou uma data histórica importante para o início do Antropoceno – 1620 –, ano em que foi publicado o livro sobre métodos mais marcante na história da ciência, cuja influência que perdura até hoje. Trata-se de *Novum Organum Scientiarum*, de Francis Bacon. Porém, ele fez também uma declaração muito clarividente e confusa sobre a duração do Antropoceno: É uma época que certamente já começou antes, mas hoje está chegando ao fim. Em vista dos muitos sinais que estamos recebendo atualmente, pela maneira

como tratamos o planeta Terra, ele não durará muito tempo. Foi sábio da parte de Böhme não querer determinar com mais precisão o início ou o fim da era baconiana. Ele pensou em ambos nas zonas anfíbias, que na verdade são mais apropriadas. O nome que ele escolheu, a "A Era Baconiana", nomeia uma figura marcante e um ponto importante nesse processo de criação e decadência, nada mais.

Todas as ciências, incluindo aquelas disciplinas e subdisciplinas especiais que se inspiraram em Bacon e continuam a se diferenciar hoje, podem e devem nos fazer avançar em direção ao objetivo razoável de um futuro Gaiaceno. Restringir o problema, que muitas vezes vivemos hoje, à luta entre ecologia e economia é compreensível, porém equivocado. É apenas uma faceta do que realmente aconteceu. Todas as ciências que surgiram nesse meio tempo e estão envolvidas na questão do conhecimento são afetadas de uma forma ou de outra, devido à ação ou omissão, mais forte ou mais fraca, mais direta ou indireta, exigida centralmente ou apenas à margem do evento. Até mesmo o que está em torno da ciência, como a política, é chamado para acabar com a era baconiana. Ninguém está isento, nem é corresponsável pelo curso dos acontecimentos passados e futuros. Se a ciência tem que aprender uma coisa com essa situação, é o fato de que a responsabilidade que cria todo o conhecimento deve moldar a compreensão futura do conhecimento muito mais do que tem sido o caso até agora. Como isso não é possível através do conhecimento do tipo anterior, temos que preencher o termo com novos e melhores conteúdos e perceber a racionalidade de uma fé que não é encenada como luta contra a razão. A terceirização das questões práticas da aplicação do conhecimento da epistemologia para a disciplina filosófica independente da ética também foi um erro. Isso levou ao fato de que hoje temos uma teoria da ciência que não se baseia em nenhum conceito sustentável de conhecimento.

Terceira parte: Sobre a importância da Linguística

10. Ciências-piloto e uma disciplina subestimada: a Linguística

Com grande influência de Bacon, muitas ciências superestimadas e outras subestimadas surgiram. No curso da história da ciência, essa avaliação mudou muitas vezes. Antes disso, na Idade Média europeia, por exemplo, a importância da Teologia para explicar nossa racionalidade era muito superestimada. Mais tarde, foi a glorificação da antiguidade grega e dos estudos históricos e culturais, até que no século XIX a Física Clássica se firmou e, com ela, a visão de mundo das ciências naturais se impuseram cada vez mais. Elas foram subestimadas por muito tempo porque então os fatos eram produzidos por poderes divinos ou humanos. Cada época tem seus campos de conhecimento superestimados e os subestimados. Eles podem mudar dependendo da situação de do poder. Hoje, a Biologia parece ter uma responsabilidade particularmente grande, não apenas devido ao recuo da Biologia natural na perda da diversidade natural, mas também pelos ganhos prometidos na criação de nova diversidade através da biologia laboratorial e da engenharia genética¹⁹.

Sempre houve “ciências de ponta” que tiveram uma influência significativa na cultura do conhecimento de seu tempo. Mas havia também o contrário: campos de conhecimento à sombra dos lobos alfa. Das disciplinas hoje subestimadas, destaco uma que conheço bem e que acredito poder fazer algum bem para corrigir alguns dos preconceitos atuais: a Linguística. Nunca foi uma ciência líder, mas hoje tem o que é preciso para sê-lo.

Como a Matemática, a Física ou a Biologia, também a Linguística começou há muito tempo, mas experimentou os maiores surtos de desenvolvimento muito mais tarde do que elas: nos séculos XIX e XX. Foi só então que a extensão de toda a diversidade terrena de línguas foi se tornando visível aos poucos. Após o início por volta de 1650, começou com William Jones a descoberta da linguística indo-europeia no início do século XIX, com Wilhelm von Humboldt a concepção filosófica de uma Linguística Geral e Comparada, com Ferdinand de Saussur um estruturalismo sistemático no começo do século XX e finalmente com Noam Chomsky, que ainda está vivo, uma tentativa de séria de associar a diversidade empírica das línguas naturais à crença em uma racionalidade universal. Mais nova ainda é a chamada Linguística Ecológica, segundo a qual as línguas estão sempre relacionadas com ambientes que permitem que se desenvolvam. Ele retoma todas essas abordagens, mas ao mesmo tempo as desenvolve ainda mais com uma nova visão dos fundamentos.

A Linguística também pode dar uma contribuição significativa para a compreensão de nossa racionalidade. Devemos um avanço decisivo a Chomsky, que abordou seus objetos de uma maneira completamente diferente de todos os pesquisadores antes dele. Ele ficou impressionado com a forma como as crianças recém-nascidas conseguem aprender perfeitamente pelo menos uma das muitas linguagens naturais diferentes em poucos anos de vida, sendo que o sistema linguístico está entre os sistemas de controle mais complexos e complicados que conhecemos. A ideia de Chomsky era que as crianças não os aprendem, mas os descobrem a língua, porque nosso cérebro é muito parecido com nosso corpo, no qual todos os órgãos e partes do corpo já são criados no embrião, e também está preparado para a capacidade de falar através estruturas hereditárias. Nesse nível, ele mais tarde conseguiu se comunicar bem com o epistemólogo genético suíço Jean Piaget. Ele fala de uma gramática universal subjacente a todas as línguas naturais que permite adquirir rapidamente uma primeira língua, por mais diferentes que sejam essas línguas²⁰.

A nova abordagem linguística de Chomsky não apenas contribuiu significativamente para redescobrir e, ao mesmo tempo, resolver o problema até então completamente subestimado do uso criativo da linguagem, mas também resolve o velho problema da suposta incompatibilidade de uma visão universal e uma relativista da linguagem. O significado desta contribuição tão importante ainda não é devidamente compreendido porque ainda há uma falta de conhecimento. Chomsky é um universalista, acreditando que existe uma racionalidade universal que se reflete em nossas relações normais com a diversidade linguística. Mas ele continua sendo um estruturalista que, indo muito além de Saussure ao lidar com a diacronia, ainda não incorporou os ensinamentos da Ecologia geral de hoje em sua compreensão do sistema. É apenas esse desenvolvimento posterior que mostra toda a dimensão dos feitos de Chomsky, que vão além de sua importância para a Linguística e se tornou uma importante contribuição para a Filosofia cultural do pós-colonialismo²¹.

11. A Linguística Ecológica

Para que a Linguística Ecológica pudesse se desenvolver além dos rudimentos²², Gregory Bateson primeiro teve que libertar a Ecologia do velho pensamento material físico e mostrar que existe também uma Ecologia do Espírito²³. Infelizmente, alguns ecolinguistas ainda não entenderam esse notável desenvolvimento, uma das descobertas mais importantes do século XX. Você fica preso a Chomsky na velha maneira de pensar

sobre Ecologia Biológica. Foi nada menos que esse distanciamento da Ecologia de suas origens na Biologia que forneceu o impulso decisivo. Uma nova compreensão dos sistemas tornou-se possível, a dos sistemas circulatorios, em que uma única espécie – a dos humanos, devido às suas capacidades cognitivas – assume todos os papéis ecológicos de produção de objetos ou signos orgânicos ou inorgânicos (produção), consumo (a ingestão de material ou recepção de objetos semióticos) e destruição (remoção ou reprocessamento sem resíduos das sobras que apenas superficialmente parecem inutilizáveis). Foi somente com a Ecologia do espírito que se tornou possível entender sistemas desmaterializados, como as culturas, como ecossistemas²⁴.

Hoje, a ecolinguística aponta com razão para o ato de que, além do tema da racionalidade, a Linguística também tem algo a dizer sobre o tema da realidade. Este é o passo crucial além de Chomsky. Os ecolinguistas estão convencidos de que as línguas não devem ser vistas como sistemas estruturais independentes, como Saussure e Chomsky ainda as viam, mas como partes de uma interação. Você tem que vê-las sempre em seu contexto funcional cognitivo como reveladoras do mundo. Desvinculadas desse contexto, as linguagens certamente também podem ser analisadas como sistemas de signos independentes e apenas descritas como construções, como veículos desativados. Mas, assim como não se compreende o sentido das construções se não as compreendemos por sua função motriz, a diversidade linguística também permanece para a linguística apenas uma produção de variantes excessivamente exageradas pela evolução, a menos que se compreenda sempre seu objeto como um sistema-língua-mundo. Só essa relação de função nos permite entender a diversidade. Afinal, cada um desses sistemas nos revela uma outra variante da experiência do mundo, assim como a evolução criou uma infinidade de formas de vida diferentes.

A evolução é um maravilhoso gerador de diversidade, que nos demonstra clara e generosamente que há tão pouca solução para a vida como para a experiência da realidade, mas sim várias ou mesmo muitas alternativas. Isso deve nos tornar cautelosos sobre a tentação de dizer o que é certo e o que é errado, e sim reconhecer que existem múltiplas, até mesmo muitas, soluções também para a percepção da realidade. Assim sendo, é grotesco que a “ciência de ponta” que se vê como líder ainda siga cada vez mais o slogan “English only” e que o desempenho de muitas outras línguas como linguagens científicas esteja se esvaindo por negligência e ignorância. As línguas são instrumentos cognitivos que nos permitem vivenciar a realidade de diferentes formas e construir o respectivo mundo cultural. O mais surpreendente é que, apesar de sua grande complexidade como sistemas de controle muito diferentes, todo bebê humano, onde quer que sua mãe o crie, qualquer que seja a cor da pele, se apropria da linguagem dessa cultura com perfeição e facilidade, mesmo que os dados de linguagem ouvidos dos aprendizes sejam imperfeitos e incompletos. Essa percepção, introduzida por Chomsky, é a indicação mais convincente de que existe uma racionalidade universal que é, evidentemente, compatível com o relativismo das diferentes visões de mundo culturais.

Essa conquista construtiva dos diferentes mundos culturais é a nova função que poderia passar para a experiência humana da realidade com as linguagens. A comunicação que muitos consideram tão importante foi inventada muito antes disso nos vários sistemas de signos do mundo animal. É a função cognitiva que exigiu um novo meio de expressão, e a evolução cultural reutilizou o esquema de diversidade há muito estabelecido para associar à diversidade natural vinculada à matéria uma diversidade cultural mais ampla no plano espiritual não vinculada a ela. A Ecolinguística, que aprendeu os ensinamentos de Bateson, fala do fato de que novos ecossistemas

psicológicos foram adicionados aos ecossistemas físicos da natureza, precisamente essas diferentes culturas, e a abundância aparentemente perdulária da biodiversidade foi mais uma vez enriquecida com uma abundância igualmente perdulária de línguas e ideias, das quais, entretanto, claro, como naquela, uma parte muito grande já se perdeu para sempre. Donde a Linguística de base ecossistêmica de hoje ser mais apropriada para nos aproximar do Gaiaceno²⁵. No entanto, como acontece com as espécies de plantas e animais das Listas Vermelhas, que também são afetadas pelo declínio, uma surpreendente diversidade de mundos de linguagem residual permanece se fizermos um esforço para preservá-la. Aqui, também, essa compreensão chega tarde demais, tarde demais para o que se perdeu, mas possivelmente não tarde demais para a diversidade que ainda existe²⁶.

Quarta parte

Consequências

12. Natureza e cultura, relativismo e universalismo

A única chance que nos resta é continuar o despertar da razão em um novo Iluminismo, que começou no Iluminismo europeu, mas foi praticado de forma muito inadequada, e desta vez com mais cuidado e sem o uso da violência e da velha ou nova estupidez. Só com toda a sanidade de que somos capazes podemos acabar com o infeliz Antropoceno e alcançar um Gaiaceno. A linguística e como ela lida com a diversidade de línguas marcam apenas parte do que precisa ser trabalhado e retrabalhado no final do Antropoceno. Outra parte muito importante, que também está relacionada a essa diversidade linguística, é o fato de que os debates sobre a diversidade de culturas são sobrecarregados por uma grande disputa entre universalismo e relativismo. Esses debates são travados como um credo, o que também causa muita confusão na filosofia da ciência.

Em conexão com a distinção entre natureza e cultura, formas imprecisas de expressão que podem levar a uma considerável confusão dos termos não desempenham aqui um papel relevante. Por exemplo, às vezes se afirma que a natureza pura não existe mais. Por mais que isso se aplique a paisagens naturais e formas cultivadas de organismos, está errado como uma afirmação geral. Por mais que o pardal doméstico (*Passer domesticus*) tenha se apegado aos humanos e às suas paisagens culturais, como espécie biológica, ainda é um produto puramente natural, apesar de todas as mudanças comportamentais que aprendeu nesse tempo, mudanças que fizeram dele um morador da cidade.

A ciência mantém ostenta uma autoimagem que apresenta como universalmente válida. Um olhar atento mostra que são as ciências naturais que reforçam essa autoimagem. Como os cientistas não estão preocupados com regras culturais, mas com as chamadas leis naturais, as diferenças entre as culturas não parecem afetá-los. Em todas as outras disciplinas empíricas, no entanto, nas quais os fatores culturais desempenham o papel principal, a situação é exatamente oposta. Aqui, uma visão relativista das coisas é mais realista e muitas vezes é praticada de forma mais ou menos consistente. Dependendo da eficácia da metodologia científica, a pessoa chega a um acordo com ela ou se distancia dela. Em geral, universalismo e relativismo são tratados como um par epistemológico de opostos. A tese de Chomsky de uma capacidade universal inata para a racionalidade

não se opõe de forma alguma à aceitação de diferenças consideráveis em suas variantes culturais e, portanto, de uma experiência não idêntica da realidade que as culturas linguísticas individuais tornam possível. A linguística do sistema ecológica é capaz de apoiar e reconciliar ambos, de modo que não haja contradição entre duas visões de mundo mutuamente exclusivas. Ecossistemas culturais podem ser fracos ou fortemente diferentes e permitir mundos diferentes de realidade e racionalidade, mas ainda assim fortalecem a crença em uma racionalidade universal. Porém, isso não coaduna com o conceito antropocêntrico de conhecimento europeu-EUA-americano que é difundido hoje.

Por depender de uma variedade de ideias e alternativas conceituais, a ciência deve dar o exemplo e aceitar a diversidade de linguagens como uma base importante para o conhecimento científico. Porém, o que acontece? Exatamente o oposto! O "English only" é promovido política e economicamente e fortalece a duvidosa função de guia exercido pelas grandes universidades norte-americanas, com financiamento privado e, portanto, a dependência econômica e a escravidão da educação e da pesquisa. Ela enfraquece a capacidade das pessoas de mudar e sua vontade de aprender, em vez de incentivá-las e ter a coragem de se envolver com o criativo, o novo e o desconhecido.

13. O legado não resolvido: Diversidade, Progresso e Desfoque

As descobertas da linguística e, em particular, da ecolinguística sistêmica, que atualmente são populares sobretudo na Ásia e na África, mas também na América do Sul, podem ajudar a corrigir, pelo menos parcialmente, os erros muito efetivos do Antropoceno. Mas como esta é uma tarefa muito grande, que não diz respeito apenas à compreensão dos fenômenos linguísticos, tudo o que pode ajudar de alguma forma deve ser levado em conta. Todas as outras disciplinas também devem contribuir para a necessária reestruturação de nossas práticas científicas e de crenças se quisermos ter sucesso.

Muitas crenças que são difundidas no Antropoceno de hoje remontam a erros há muito estabelecidos que não foram realmente trabalhados até agora. Abordei alguns dos mais antigos desses erros, mas que ainda têm impacto hoje: Lidar com o problema do terceiro excluído na lógica faz parte dele tanto quanto a remoção da ética do debate epistemológico e, portanto, da teoria da ciência. Isso é particularmente difícil de corrigir, mas alguns defeitos hereditários mais jovens, mas também alguns antigos, também complementam. A incompreensão da diversidade tem atormentado a ciência contemporânea desde a época de William de Occam. Occam não era de forma alguma o progenitor medieval das metodologias analíticas de pregação do minimalismo como ele geralmente é retratado, pois como um monge temente a Deus ele era um amante da multiplicidade divina. Infelizmente, porém, uma história confusa de interpretação o transformou no oposto de suas ideias reais, e essa má interpretação é o começo da falta de compreensão da diversidade pela ciência moderna. Ela está procurando a solução certa e não entende a criatividade da evolução, que sempre produziu mais do que o humano antropocêntrico julga necessário.

Outro grave erro foi então cometido por Francis Bacon em seu *Novo Organon* no início dos tempos modernos, no qual ele propagou o método de Demócrito de buscar as partículas elementares de tudo como o único método da ciência que prometia progresso e felicidade. Isso não apenas envolveu relegar completamente o todo, que é mais do que a soma de suas partes, mas também abriu a porta para a especialização ilimitada do conhecimento que continua até hoje. A ciência tornou-se o armazém geral da ciência, o

cientista interessado na racionalidade do todo tornou-se o especialista e especialista em detalhes, e a preocupação pela síntese e explicação abrangente da realidade tornou-se a análise moderna e o satisfazer-se com fragmentos que persiste até hoje. É minha convicção que isso foi o principal erro que trouxe o Antropoceno de hoje.

Há outro erro antigo e grave que perdura em nossas mentes, que é o desejo compreensível, mas geralmente inatingível em termos de precisão e exatidão. Ainda hoje, muitos cientistas acreditam que estão buscando uma ciência rigorosa e até exata. A lógica e a matemática, em cujas linguagens formais gostam de se expressar, fornecem-lhes os métodos e as evidências que parecem realizar a proeza de converter qualidade em quantidade. Um exemplo central do fato de que esse objetivo é tão tentador quanto uma exigência metodológica muito geral foi a teoria da incerteza de Werner Heisenberg na compreensão dos quanta. Por mais normais e desinteressantes que sejam os fenômenos difusos, eles incomodaram os físicos acostumados à precisão, até encontrarem uma fórmula matemática que explicasse a imprecisão no comportamento quântico sem ter que desistir de seu desejo de nitidez conceitual. Muitos não cientistas hoje sofrem com o julgamento de valor de que sua ciência fica aquém do que uma ciência moderna realmente precisa alcançar devido à falta de precisão matemática. Isso não passa de um preconceito infundado, porém muito comum.

14. Novas tarefas: globalização real, democracia e transdisciplinaridade

Muito do que já foi inventado ou proposto para esse fim é inútil, contaminado por erros políticos e pensamentos mesquinhos, ou pelo menos inadequados. Por exemplo, o que agora é chamado de “globalização” é apenas um erro superestimado, impulsionado pela economia. É uma pseudo-globalização porque não enfrenta os erros do colonialismo e as aberrações e atrocidades associadas a esta fase da política europeia, mas tenta criar uma divisão mundial das culturas terrenas entre ricos e pobres, que começou no momento dos vencedores e perdedores para criar uma economia na qual apenas alguns são elegíveis como fornecedores dos bens que produzem e outros apenas como seus compradores. É significativo que os países ricos paguem ajuda ao desenvolvimento para permitir que os pobres se desenvolvam para um modo de vida e poder de compra mais ocidentais: uma tentativa disfarçada de presente generoso para esconder seu próprio fracasso histórico. Em alguns casos, os perdedores também têm algo a oferecer, como petróleo ou terras raras, que são necessários para os celulares dos ricos. No entanto, isso não acaba com a divisão da terra de base colonial, mas, na verdade, a aprofunda, porque copia o modelo econômico dos países ricos, de modo que a perspectiva vencedora se fortalece ainda mais e a perspectiva perdedora se enfraquece ainda mais ao encontrar perdedores ainda mais pobres que supostamente não têm nada a oferecer. O fato de que eles também tenham desenvolvido uma racionalidade para lidar com a terra comum que não é a de nossa mentalidade de consumo e com a qual os ricos poderiam aprender alguma coisa, não é percebido, porque aprender não parece ser uma categoria econômica. Mas isso significa apenas que a verdadeira globalização ainda está por vir. Não podemos passar sem ela se a divisão da terra terminar. E deve acabar se quisermos acabar com o Antropoceno.

Até agora, a democracia tem sido apenas uma ideia que deve ser praticada em condições que não têm mais nada em comum com as condições administráveis de uma antiga polis grega. Decisões majoritárias, que são tomadas entre partidos políticos a cada quatro anos, são, na melhor das hipóteses, uma primeira aproximação grosseira da ideia verdadeira. A tarefa que ainda não foi resolvida talvez seja transformar nossa

democracia da maioria em uma democracia da diversidade, mas ainda não está claro como isso pode ser feito. Pelo menos cientistas políticos criativos estão pensando nisso, como David Runciman³⁰. Uma solução provisória poderia consistir no que hoje a Suíça chama de “democracia direta”, em que a população pode ocasionalmente votar separadamente em questões atuais entre as datas da democracia majoritária que são obrigatórias para todos, particularmente diferenciadas regionalmente. Há certamente uma necessidade crescente de informações tão abrangentes quanto possível, para que o risco de manipulação baseada em interesses seja reduzido.

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, a necessidade global de conhecimento não manipulado se tornou perceptível. Foi então que nasceu a boa ideia da pesquisa interdisciplinar. As desvantagens da fragmentação das ciências em áreas especiais dos respectivos especialistas, que não viam mais o quadro geral, foram experimentadas em primeira mão. O erro de Bacon de julgar inteiramente má a importância do todo deve ser corrigido. A ressonância da boa ideia de reforma inspirou muitas universidades recém-fundadas nas décadas seguintes e ainda pode ser sentida hoje. Mas, ao mesmo tempo, suas deficiências tornaram-se cada vez mais óbvias. Em última análise apenas aumentou o número de disciplinas e subdisciplinas; as competências dos cientistas são apenas adaptadas de forma diferente de caso para caso, porém não mais amplas, mas, em última análise, mais restritas. A exigência de que o ensino e a pesquisa sejam interdisciplinares é correta, mas não leva ao fim do programa de especialização de Bacon, pelo contrário, continua a inflacioná-lo.

O verdadeiro contraprograma não é o da interdisciplinaridade, mas o de uma transdisciplinaridade que realmente relativiza a importância do conhecimento especializado e leva a sério o questionamento interdisciplinar, há muito negligenciado, e a tentativa de desvendar conexões antes negligenciadas. Há, sem dúvida, muitas oportunidades para encontrar inspiração criativa fora das instituições acadêmicas, mas eles devem, na verdade, levar a consequências claras também nessas instituições. Por esta razão, a definição de transdisciplinaridade muitas vezes praticada incorretamente não leva a uma demarcação clara de interdisciplinaridade insuficiente, mas apenas a um conceito misto pouco claro com o qual nenhum novo desvio pode ser alcançado. Uma universidade verdadeiramente transdisciplinar não concede prêmios *venia legendi* supérfluos, mas sim um prêmio *venia discendi* que parece ser realmente necessário, a capacidade de ser livre para aprender contextos adicionais além das competências especializadas.

A verdadeira transdisciplinaridade tenta corrigir o erro central de Bacon, a suposta insignificância das totalidades para o progresso do conhecimento. A ecologia biológica já provou que ideia de Bacon sobre a importância do todo estava errada. O desenvolvimento posterior da ciência em centenas, até milhares de disciplinas altamente especializadas mostra a consistência com que seguimos o catecismo de Bacon até hoje³¹.

15. Atores importantes: mulheres, sociedade civil, culturas indígenas

Mas não precisamos apenas de novas ideias, precisamos também de pessoas assertivas que não fujam das barreiras estabelecidas. Pessoas com coragem para enfrentar tarefas criativas, que estão dispostas a lidar livremente com comportamentos enraizados e burocracias enferrujadas. Estabelecer uma ideia transformada de conhecimento não é pouca coisa. Existem três desses grupos.

Em primeiro lugar, as *mulheres* são necessárias porque no Antropoceno elas são empurradas para a retaguarda pelos homens em quase todos os lugares. É o único dos três grupos mencionados a ter criado um movimento (feminismo) que os une. O fato de que às vezes surgem ideias questionáveis (por exemplo, a chamada integração de gênero, que visa a ajudar as mulheres a ganhar mais poder social e político por meio de mudanças de linguagem e gramática) também deve e pode ser aceito. As grandes mudanças nunca vêm sem alguns percalços: podemos, por outro lado, aceitar alguns erros. Em segundo lugar, precisamos – onde eles existem – da sociedade civil. Apesar de todas as tentativas de repressão, eles devem pelo menos começar a emergir. Eles são os lugares reais onde os processos criativos podem ser iniciados e introduzidos na ciência, porque ainda não são padronizados por processos burocráticos e institucionais³². O terceiro e mais importante grupo em todo o mundo são os restos das culturas indígenas que sobreviveram na terra, ou seja, aquelas pessoas que foram ignoradas, humilhadas, deportadas como escravas e muitas vezes mortas por europeus e suas culturas derivadas, obedientes durante séculos. São esses resquícios culturais que, como os resquícios da evolução natural, são altamente dignos de preservação, pois podemos aprender muito com eles³³.

Notas

1. Trata-se da revista *Nature* de Springer-Verlag, que atualmente se esforça para ser uma editora líder em nível mundial.
2. O que estou descrevendo aqui, a propósito de um respeitado jornalista científico, caracteriza grande parte de sua área e a visão cotidiana de muitas pessoas. A ação louvável de fundar um movimento coletivo como "Scientists for the Future" também é sobrecarregada por tais generalizações. Mesmo assim, era necessário, pois servia a um propósito primordial e importante.
3. Esse autoengano é particularmente perceptível em países em que o sistema educacional e científico é controlado por ditaduras ou predominantemente financiado pelo setor privado. Há uma notável semelhança de interesses e comportamento entre a China e os EUA, por exemplo.
4. Isso também é resultado de uma das simplificações mais antigas e teimosas de nossos hábitos de pensamento: a chamada lógica de dois valores. cf. a subseção a seguir.
5. Christine v. Weizsäcker: *Fehlerfreundlichkeit*. In: K. Kornwachs (ed.), *Offenheit, Zeitlichkeit, Komplexität. Zur Theorie der offenen Systeme*. Frankfurt: Campus 1984.
6. O termo foi retomado, por exemplo, por Michael Haerdter em seu livro *Amphibische Zonen*, que foi publicado pela Klartext-Verlag, Essen, em 2005, e trata de "artistas, artes e culturas" (subtítulo).
7. O conceito foi apropriado, por exemplo, por Michael Haerdter em seu livro *Amphibische Zonen (Zonas anfíbias)*, que foi publicado em 2005 pela Klartext-Verlag de Essen. Ele trata de "Artistas, artes e culturas" (subtítulo).
8. O importante pesquisador cultural de Harvard Homi Kharshedji Bhaba (n. 1949), que ainda não é suficientemente reconhecido e levado a sério – especialmente em uma Europa que foi prejudicada por sua história de conquistas –, avançou na análise das consequências do colonialismo como nenhum outro investigador. Ele explicou quão fortemente a viabilidade e o desenvolvimento das culturas dependem de suas culturas vizinhas e normalmente requerem uma heterogeneidade interna e abertura a estímulos externos para não perecer de rigidez e incapacidade de mudar. Termos importantes aqui são, por exemplo, mimetismo e hibridização (cf. por exemplo, H. Bhabha, *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1994).
9. Um exemplo notável são os livros de Stephen Pinker, que não são apenas extremamente populares entre os grandes nomes do Vale do Silício. Um dos exemplos mais recentes é o seu *Enlightenment now!* (PINKER, 2018), do qual já existe até uma versão curta para gestores que têm muita pressa. Uma das poucas resenhas críticas afirma: "If you disagree with Professor Pinker, then you are by definition a fool and an idiot" (Se você discorda do professor Pinker, então você é, por definição, um tolo e um idiota). Isso diz tudo.

10. Abundam as representações populares da questão do Antropoceno; elas geralmente não oferecem soluções sérias porque isso exigiria uma vontade de aprender mais seriamente e de retirar a arrogância exagerada e as ideias de viabilidade exageradas. Pior ainda neste aspecto são os livros escritos para profissionais, completamente errados desde o início, criados com muito esforço e possivelmente até muito elogiados nos EUA. Um exemplom é o relato muito ambicioso de 560 páginas do historiador da ciência alemão Jürgen Renn, *The Evolution of Knowledge. Rethinking Science for the Anthropocene* (Princeton: PUP 2020). Não há como "repensar a ciência" aqui. Como o objetivo deve ser apenas se enquadrar no presente Antropoceno, o objetivo pode ser considerado plenamente alcançado.

11. Até agora, houve apenas uma descrição geralmente vinculativa da filosofia analítica internamente diversa e variada: a monumental compilação de sete volumes de Wolfgang Stegmüller, originalmente escrita em alemão, *Probleme und Resultate der Analytischen Philosophie und Wissenschaftstheorie* (Problemas e resultados da filosofia analítica e teoria da ciência), Berlim/Heidelberg/ Nova Iorque 1973-1986.

12. J. Habermas, *Auch eine Geschichte der Philosophie. Band 1: Die okzidentale Konstellation von Glauben und Wissen. Band 2: Vernünftige Freiheit. Spuren des Diskurses über Glauben und Wissen.* (Também uma História da Filosofia. Volume 1: A Constelação Ocidental de Fé e Conhecimento. Volume 2: Liberdade razoável. Traços do discurso sobre crença e conhecimento). Berlim: Suhrkamp 2019.

13. Todas as obras relevantes estão contidas na coleção de P. Crutzen, *Das Anthropozen. Textos-chave do ganhador do Prêmio Nobel para a nova era geológica*, organizado por Michael Muller (Munique: Oekom, 2019).

14. Assim diz o título da tradução alemã do livro *Come on! Capitalism, Short-termism, Population and the Destruction of the Planet. A Report to the Club of Rome* (New York: Springer, 2017) do então presidente do Clube de Roma E.U. v. Weizsäcker e A. Wijkman, 2017. Este livro foi o estímulo para meu livro, P. Finke, *Mut zum Gaiazän. Das Anthropozän hat versagt. Mit einem Vorwort von U.v. Weizsäcker.* (Munique: Oekom, 2022).

15. Ver também P. Finke, *Mut zum Gaiazän. Plädoyer für mehr anarchisches Denken. Politische Ökologie* 161, 120-123, 2021) (Coragem para o Gaiacono: Um apelo para um pensamento anárquico).

16. C. F. v. Weizsäcker, *Die Einheit der Natur* (Munique: Hanser, 1971) (A unidade da natureza).

17. Eu sugeri a designação "Homo-Deus-Wahn" (Homo-Deus-Loucura) baseado em Harari (Y.N. Harari, *Homo Deus. Eine Geschichte von morgen.* Munique: DTV, 2017).

18. G. Böhme, *Am Ende des Baconschen Zeitalters. Studien zur Wissenschaftsentwicklung.* Frankfurt: Suhrkamp, 1993 (No fim da era abaconiana: Estudos sobre o desenvolvimento da ciência).

10. Uma consequência teórico-científica poderia ser questionar a exclusão amplamente indiscutível dos esforços para preservar a diversidade evolutiva do catálogo de tarefas científicas. Essa exclusão não foi uma decisão consciente, mas aconteceu no decorrer da mudança da realidade. Anteriormente, a tarefa de preservação não era reconhecida como necessária. Havia o suficiente de tudo. O descaso da Linguística diante do desaparecimento das línguas naturais também é motivo das críticas de que reconheceu tarde demais o problema como algo a ser levado a sério. Ver a nota seguinte.

20. Os detalhes dessa "gramática universal" ainda não estão claros. Basta, no entanto, assumir uma racionalidade universal de que não tem necessariamente de haver uma estrutura gramatical, mas apenas a possibilidade de produção de tais estruturas em diferentes línguas naturais.

21. Até agora ainda não há uma descrição abrangente desse desenvolvimento, para o qual contribuíram várias contribuições em áreas muito diferentes, acima de tudo, a Teoria Geral dos Sistemas, cujas partes relevantes foram avançadas em particular por ciberneticistas (Norbert Wiener) e biólogos (Ludwig von Bertalanffy); também em Linguística Estrutural (Saussure, depois Roman Jakobson), Etnologia (Claude Lévi-Strauss) e em particular com a generalização da Ecologia através da Ecologia do Espírito (Bateson).

22 Alguns estágios iniciais são representados por E. Haugen (1972), P. Finke (1983), Alwin Fill (1987), M. Halliday (1990). Em seguida, vêm pesquisadores mais jovens, cada um deles adotando e desenvolvendo diferentes aspectos dessas abordagens pioneiras. Tirei minhas conclusões desses fundamentos, especialmente em relação ao novo desenvolvimento de Bateson, em P. Finke, *The Ecology of Science and its Consequences for the Ecology of Language.* In: A. Fill/S.V. Steffensen (orgs.), *Ecolinguistics – The Ecology of Language and the Ecology of Science. Language Sciences 41.* Amsterdam: Elsevier 2014, 71-82.

23. G. Bateson. *Steps to an Ecology of Mind.* York New: Chandler, 1972.

24. Finke; ver também Arnold (org.), *Traditions of Systems Theory. Major Figures and Contemporary Developments.* London/New York: Routledge, 2017, nesta obra P. Finke, *A Brief Outline of Evolutionary Cultural Ecology*, 293-308.

25. Finke. Transdisciplinary Linguistics. Ecolinguistics as a Pacemaker into a New Scientific Age. In: Fill/Penz (2018), p. 406-419.
26. Finke. Linguistics at the End of the Baconian Age, or: Five Essentials of Ecolinguistics. In: S. V. Steffensen (org.), *The Aalpiri Papers*. SDU, Odense 2019. Também em ECO-REBEL v. 5, n. 2, 2019, p. 5-17. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27657/23795>
27. A este respeito, 1620 não foi o início, mas certamente uma data importante do início do Antropoceno.
28. Ainda nas décadas de 1960 e 1970, havia programas de pesquisa para a posterior matematização das mais diversas ciências. No Gaiaceno, o objetivo irracional de converter todas as qualidades em quantidades perde seu caráter convincente como guia metodológico.
29. Weizsäcker *Isso não é suficiente* (Paderborn: Bonifatius 2022) destaca o significativo agravamento do problema como resultado da pseudo-globalização que foi moldada pela Internet a partir da década de 1990. No entanto, isso não exclui o fato de que as visões de mundo limitadas de tempos anteriores (antiguidade! Idade Média! Tempos modernos!), sobretudo a música de acompanhamento militarista do colonialismo e do racismo do Iluminismo europeu, estabeleceram as bases para isso.
30. Runciman, *Pluralism and the Personality of the State*. Cambridge University Press. CUP, 1997
31. Temos que admitir duas coisas: em primeiro lugar, continuar praticando a percepção e o aprendizado do todo na vida cotidiana (ao olhar paisagens, viver nas cidades, orientar-se no trânsito, classificar eventos políticos ou lidar com estranhos nas férias), no entanto, e em segundo lugar, isso ainda não é inteiramente compreendido para torná-lo metodicamente utilizável para a ciência. De qualquer forma, as definições usuais do termo (MITTELSTRASS, NOVOTNY e outros) são insuficientes. Eles equiparam a transdisciplinaridade com o uso de experiências fora da academia, ou seja, com a valorização da importância da sociedade civil. Isso é inegavelmente importante, mas não substitui a necessidade de retirar o preconceito de Bacon sobre a importância das partes para o todo. Isso inflacionou um método que era muito limitado em sua aplicabilidade apenas a alguns casos especiais para um método geral de progresso para o qual não há justificativa.
32. O movimento Ciência Cidadã, que parecia possível após razoáveis inícios nas últimas décadas do século 20 na Inglaterra, poderia ter sido uma oportunidade para mudar a cultura do conhecimento do Antropoceno, que estava contaminada pelo dinheiro e pelo poder. Inspirado por suas ideias, publiquei o único livro escrito por um filósofo crítico da ciência (P. Finke, *Citizen Science. Das unterschätzte Wissen der Laien. München: oekom 2014*). Porém, a tenra semente foi rapidamente destruída por profissionais científicos ansiosos e frustrados que viam o uso gratuito dos resultados de voluntários em quase todos os lugares como uma grande oportunidade para encobrir seu próprio fracasso e economizar dinheiro em cima disso. Biólogos profissionais, que esperavam melhorar seu histórico não particularmente glorioso nas crescentes Listas Vermelhas por meio do envolvimento de especialistas voluntários em conservação da natureza desempenharam um papel infeliz aqui. A palavra-chave central no caso é participação, mas sempre depende de qual poder você tem permissão para compartilhar. Um documento importante dessa redução dos “cientistas cidadãos” a meros aguadeiros do sistema profissional é o livro J. Dickinson/R. Bonney (eds.), *Citizen Science. Public Participation in Environmental Research*. New York: Cornell University Press 2012. O livro Citizen Science, editado por seis editores profissionais, é um documento produzido na Europa que tende a rebaixar a abordagem inicialmente promissora para um método puramente profissional, que tende a ser global. *Citizen Science. Innovation in Open Science, Society and Policy*. London: University College Press 2018. O movimento, que inicialmente parecia promissor, agora está terminando no aumento da burocracia de instituições antigas e novas, algo para o qual cientistas voluntários geralmente não têm tempo. Enquanto isso, os ministérios da ciência também oferecem fundos que podem ser usados para apoiar os coletores voluntários de dados. Uma abordagem inicialmente promissora termina para muitos que participam de formas convencionais de organização e suborno político que são supérfluas para eles. Não participar disso pode transformar cientistas amadores autoconfiantes em corajosos lutadores pela mudança que é realmente necessária. Na verdade, o conceito não está morto.
32. No último capítulo de Finke 2022 são apresentados muitos outros exemplos, da página 159 em diante, de como pessoas de culturas indígenas poderiam e podem mudar uma cultura do conhecimento estabelecida, mas não sustentável.

Traduzido do alemão por Ubirarara Moreira Fernandes

3. MINIRRESENHA

Robert Poole. *Corpus-Assisted Ecolinguistics*. Londres: Bloomsbury Advances in Ecolinguistics.

Hildo Honório do Couto

Este livro faz parte da coleção Bloomsbury Advances in Ecolinguistics. Como se pode ver no Sumário (Table of Contents) abaixo, o livro contém alguns conceitos, princípios e técnicas em Ecolinguística, tendo como pano de fundo um estudo do discurso baseado em *corpora*. Ele responde algumas das principais questões para os novatos na disciplina, além de mostrar a necessidade de uma expansão de seus objetivos.

O livro analisa pouco explorados discursos ambientais que têm um impacto visível no bem-estar ecológico e na sustentabilidade, impacto que perpetua atitudes, práticas e ideologias prejudiciais ao meio ambiente. Apresentam-se estudos de caso detalhados, inclusive representações da vida selvagem, uma análise ecoestilística de romances populares bem como usa o humor em relatórios de fuga de animais de abatedouros. Mostra-se que a degradação do meio ambiente está se normalizando e até trivializando não só em discursos populares, mas até na mídia e até em textos de cunho científicos.

Aplicando as ferramentas da linguística de *corpus* a diversos tipos de discursos ambientais, o livro representa uma contribuição importante para o avanço da Ecolinguística. A seguir, temos o Sumário do livro e o endereço da editora.

Table of Contents

List of Figures

List of Tables

Preface

Acknowledgements

List of Abbreviations

1. An Introduction to Ecolinguistics and Corpus-Assisted Discourse Study

2. Corpus-Assisted Ecolinguistics

3. A Corpus-Assisted Diachronic Analysis of Representations of Wilderness

4. Corpus-Assisted Ecolinguistics for Literary Texts: A Keyness Analysis of Richard Powers' *The Overstory*

5. Roving Beasts and Bolting Bovines: Wordplay in the Reporting of Animal Escapes

6. Geographical Text Analysis for Corpus-Assisted Ecolinguistics

7. Conclusion

Bibliography

Index

Endereço na editora:

<https://www.bloomsbury.com/us/corpusassisted-ecolinguistics-9781350138575/>

* * * * *

4. PALESTRAS

4.1. Tadeu Luciano Siqueira Andrade. “Os crimes contra a honra no direito penal brasileiro à luz da análise do discurso ecológica”. Congresso Interdisciplinar de Direitos Humanos, 27 a 29 de julho de 2022, patrocinado pelo CAED-JUS (Conselho de Altos Estudos em Direito), edição via internet. Os trabalhos serão publicados em livro.

<https://www.caedjus.com/interdh2022/>

* * * * *

4.2. Tadeu Luciano Siqueira Andrade. “Os crimes de linguagem na perspectiva da Análise do Discurso Ecológica”, VIII SIMELP e III SINTEL, São Paulo, de 04 a 07 de outubro de 2022.

<https://www.even3.com.br/simelp2022/>

* * * * *

5. EVENTOS

5.1. Symposium on the Frontiers of Ecolinguistics

Beijing Foreign Studies University (BFSU), October 13, 2022.

O evento não tem um site, mas os trabalhos elencados abaixo foram apresentados pela plataforma VooV, no seguinte endereço:

<https://meeting.tencent.com/dm/aeAHp7H7Zg7M>

Pelo horário chinês, o evento se iniciou às 8:30 do dia 13 de outubro de 2022, mas, pelo horário brasileiro, ele começou às 21:30 do dia 12 de outubro de 2022.

Eis o programa do encontro:

13 October 2022 (Thursday) Beijing Time (GMT+8)	
VooV meeting (腾讯会议): 133-739-981; Passcode(密码): 100089	
Time	Session
8:30-8:50	Opening Ceremony Speech by Professor He Wei, Editor-in-Chief of <i>Journal of World Languages</i> and Chair of the China Association of Ecolinguistics
8:50-9:30	Keynote Speech: Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) Speaker: Hildo Honório do Couto (University of Brasília, Brazil)
9:30-10:10	Keynote Speech: Econarrative and the Creation of the Earth Speaker: Arran Stibbe (University of Gloucestershire, UK)
10:10-10:50	Keynote Speech: Environmental Stylistics: Theoretical and Analytical Approaches to Discourses of Nature, the Environment and Sustainability Speaker: Daniela Francesca Viridis (University of Cagliari, Italy)
10:50-11:30	Keynote Speech: Corpus-Assisted Ecolinguistics for Diachronic Analysis of Eco-Keywords and Constructs Speaker: Robert Poole (The University of Alabama, USA)
11:30-12:10	Keynote Speech: Ecolinguistics for and Beyond the Sustainable Development Goals Speaker: George M. Jacobs and Meng Huat Chau (University of Malaya, Malaysia)
Lunch	
14:30-15:10	Keynote Speech: Describing Animals: An Ecolinguistics Case Study Speaker: Alison Sealey (Lancaster University, UK)
15:10-15:50	Keynote Speech: Ecostylistics — and the Frontiers of Ecolinguistics Speaker: Andrew Goatly (Lingnan University, Hong Kong, China)

* * * * *

5.2. The Sixth International Conference on Ecolinguistics (ICE-6)
Language, Time and Sustainability: Ecolinguistics For, With, After and Against the Future, 21 - 24 September 2022, Graz, Austria
<https://ecolinguistics-2022.uni-graz.at/en/conference/>

* * * * *

5.3. V Encontro Brasileiro de Ecolinguística (V EBE), de 20 a 22 de outubro de 2022. Eis o site do evento:
<https://encontroecolinguis.wixsite.com/vebe>

* * * * *

6. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

6.1. Natália de Paula Reis. 2019. *Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas de “raizeiros” da cidade de Nova Glória (GO).*

Resumo: Nesta dissertação pretendemos compreender as práticas e os saberes dos raizeiros da cidade de Nova Glória (GO), considerando as relações desses indivíduos com o meio ambiente (significação) e deles com outros indivíduos (comunicação). Utilizamos os postulados da ecolinguística de E. N. Couto (2012) e Couto (2007, 2013),

a abordagem em Etnociências de Amoroso (1996), Cotton (1997) Araújo (2014) e outros, e a perspectiva semântica de Biderman (1998) e Lakoff e Johnson (1980[2002]). Fundados nesses pressupostos, buscamos compreender a relação entre indivíduo-língua-meio ambiente, a partir do social, cultural, natural e das experiências subjetivas dos raizeiros. O corpus desta pesquisa compreende conversas realizadas com três raizeiros moradores do município, que possuem entre 45 e 85 anos e dois vídeos postados por um dos raizeiros na plataforma Youtube. Podemos concluir, a partir das análises, que esses especialistas possuem uma intensa relação com as plantas e com o outro, ou seja, com o próprio ambiente e com a comunidade, especialmente pacientes. Eles, para além do uso dos recursos naturais e produção de remédios, se preocupam e agem em benefício da comunidade. Seus conhecimentos e práticas constroem-se com base nos meios ambientes mentais, sociais e naturais, a partir dos seus modos de sentir, da cognição e conceptualização do mundo, que é físico e também social. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, orientada por Elza Kioko N. N. do Couto).

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9358?mode=full>

ou

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9358/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Nat%20a1lia%20de%20Paula%20Reis%20-%202019.pdf>

* * * * *

6.2. Lutiana Casaroli. 2020. *A construção do discurso autorreferencial do jornal 'O popular': o alicerce mítico na ecologia da interação comunicativa.*

Resumo: Esta Tese tem como objetivo geral compreender como se dá a construção do discurso autorreferencial do jornal O Popular a partir da interpretação dos elementos da ecologia da interação comunicativa por meio das categorias do imaginário. A fundamentação teórica está calcada nos pressupostos da Ecolinguística, segundo Couto, H. (2016), e da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2012). O principal questionamento que norteou o problema de pesquisa foi: Qual é a interferência que o meio ambiente mental da língua opera na constituição do discurso autorreferencial? Os objetivos específicos são: analisar os elementos da ecologia da interação comunicativa; examinar o meio ambiente mental da língua que sustenta a ecologia da interação comunicativa, por meio das categorias interpretativas do imaginário; compreender a estrutura mitologêmica do discurso autorreferencial e desvelar o mito diretivo que rege o discurso autorreferencial do jornal O Popular. A presente pesquisa consiste em um estudo de abordagem qualitativa de caráter descritivo e explicativo. Os métodos utilizados foram a revisão bibliográfica e a pesquisa documental. Com base na multimetodologia prevista pela Ecometodologia, praticou-se a chamada mitocrítica para a investigação do mito diretivo do discurso autorreferencial. O corpus de análise compôs-se por 51 publicações autorreferenciais do jornal O Popular, no ano de 2016. A tese defendida é a de que o discurso mítico não só sustenta a estrutura persuasiva da interação comunicativa desse jornal, como também opera uma grande interferência em relação às motivações e forças biopsicossociais responsáveis por precipitar os sujeitos à interação, promovendo a integração e a comunhão entre ambos. O objeto de estudo da Ecolinguística é a interação comunicativa. Isso porque a Ecolinguística sustenta que a interação comunicativa é a própria língua dinamizada em atos de interação comunicativa (AIC). Esses atos de interação configuram a chamada ecologia da interação comunicativa (EIC), que é o cerne da linguagem. A EIC é composta por sete

elementos, cujo desvelamento viabilizou o estudo da construção do discurso autorreferencial do jornal O Popular, a saber: Interlocutores (I – Falante (F) e ouvinte (O), o caso, leitor (Le)), cenário, mensagem, assunto, regras interacionais, regras sistêmicas e comunhão. O ecossistema linguístico, por sua vez, é constituído por três meios ambientes: o natural, o social e o mental. O meio ambiente mental da língua foi estudado por Couto, E. (2012), que defende que o imaginário humano se encontra em seu interior. O imaginário é aqui compreendido como conjunto de imagens e de relações de imagens, que são sustentadas pelos aspectos pulsionais do sujeito e pelas intimações do meio cósmico e social. O mito, por sua vez, é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schèmes que compõe o relato. A hipótese é a de que a comunicação e a interação comunicativa têm sua infraestrutura criacional, seu sistema geratriz, submersos nas estruturas antropológicas do imaginário. Logo, esta tese compreende que todo ato de interação comunicativa está enraizado nesse alicerce mítico e que, por isso, merece ser desvelado. Por fim, concluiu-se que a constelação simbólica identificada no discurso autorreferencial do jornal O Popular movimenta, majoritariamente o esquema ascensional e diairético, mas sem deixar de articular o esquema espetacular, ligados à dominante postural. Tal constelação orbita a estrutura heroica do imaginário e aponta para o regime diurno da imagem. Por sua vez, essa simbologia, que estrutura o discurso autorreferencial, atualiza os discursos míticos de Narciso e de Zeus para os tempos atuais: a manifestação autorreferencial deriva de um ímpeto narcísico, mas a edificação discursiva revela o substrato da figura arquetípica de Zeus (Tese de doutorado, UFG, orientada por Elza Kioko N. N. do Couto).

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10452>

* * * * *

6.3 Juliana Batista do Prado. 2022. *A Análise do Discurso Ecológica na construção da representação feminina na CPI da covid-19.*

Resumo: A partir de uma visão da ecologia da interação comunicativa (COUTO, 2013), este projeto tem como proposta investigar as estratégias argumentativas e interacionais – sob a perspectiva do ecossistema natural, mental e social da língua – utilizadas pelos participantes (que ocupam cargos políticos no Brasil) em relação a três mulheres (médicas) em sessões da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da COVID-19 em 2021. Essas estratégias são utilizadas para interrogar a fim de defender ou atacar e apresentar os objetivos e pontos de vista na atuação das profissionais da saúde. A metodologia apresenta perspectiva qualitativa e multimetodológica, com interpretação embasada nas diretrizes da Linguística Ecológica e seus entrelaçamentos com áreas como a argumentação, Análise do Discurso Ecológica (que defende a ideologia de vida e de valores ecológicos, priorizando a autorrealização dos seres), entre outras. Será avaliado o inter-relacionamento de significados linguísticos e sociais, a partir da utilização de trechos da gravação de vídeo das sessões da CPI e das notícias veiculadas pela mídia que repercutiram de variadas formas por jornais eletrônicos e redes sociais. Autores como Couto (2016), Couto e Fernandes (2021), Petri (1994), Coupland (2007), entre outros, configuram a fundamentação teórica deste trabalho, com conceitos e discussões acerca das áreas que perpassam as intenções da pesquisa (Projeto de tese de Doutorado, UFG, sob a orientação de Elza Kioko N. N. do Couto).

* * * * *

6.4. Stephanie de Carvalho Guerra. 2022. *Linguística ecossistêmica - usos desviantes das preposições pelos falantes nativos de italiano na aquisição do português brasileiro*

Resumo: Este trabalho está inserido no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao Grupo de Pesquisa/UFG-CNPq “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo” e ao projeto “REDE/Itália — O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é oferecer subsídios para o ensino de português brasileiro como língua estrangeira nas instituições italianas envolvidas, bem como promover a integração entre os pesquisadores do PPGLL-UFG e as universidades italianas. Considerando a inserção dessa pesquisa neste contexto maior, tem-se como objeto de análise os usos desviantes das preposições pelos falantes nativos de italiano na aquisição do português brasileiro como língua adicional. Tendo em conta que há evidências de que o emprego estatal das preposições constitui uma área de dificuldade para aprendentes de língua estrangeira, propomo-nos a identificar os desvios mais comuns, a fim de sugerir estratégias didáticas que possam auxiliar esses estudantes, tanto no que concerne à compreensão dos critérios sintáticos, quanto no que diz respeito aos aspectos semânticos. Para verificar como as preposições estão sendo utilizadas em contexto real de uso linguístico, definiremos como corpus 50 textos produzidos em português brasileiro por falantes nativos de italiano, estudantes do curso “Português como língua de herança” (PLH), promovido pelo Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI), vinculado à Embaixada do Brasil em Roma. A base teórica desta pesquisa será conduzida pela perspectiva da Linguística Ecossistêmica proposta por Couto (2007) (Projeto de Dissertação de Mestrado, UFG, sob orientação de Elza Kioko N. N. do Couto).

* * * * *

6.5. Geane Martins Mendes. 2022. *A iconicidade na oronímia da mesorregião sul do Maranhão: Uma análise reflexiva para o ensino médio* (Dissertação de Mestrado, Programa Mestrado e Letras (MLET). Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, 2022.

Resumo: Os estudos toponímicos, em seus diversos campos disciplinares, compõem um caminho concreto rumo ao conhecimento das diversas comunidades linguísticas e de seus aspectos socioculturais ao longo do tempo. Este estudo, como trabalho dissertativo, está vinculado ao programa de Mestrado da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão e ao projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão: Análise da Macro e Microtoponímia, e tem como arcabouço teórico-metodológico de forma direta os estudos de Biderman (1998), Dick (1990; 1992), Isquierdo (2004; 2012) e Castro (2012); de Iconicidade, com Neves (2004) e da Linguística Ecossistêmica, com Couto (2007; 2014). Para tanto, objetiva-se conhecer os fatores que envolvem a língua e os objetos que ela representa no processo de nomeação do léxico oronímico dos municípios situados na Mesorregião Sul Maranhense, analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação dos acidentes físicos de natureza orográfica; analisar o processo de nomeação numa abordagem qualitativa e quantitativamente; perceber a maior recorrência das categorias de análise; refletir sobre a presença do léxico toponímico nas aulas de Língua Portuguesa e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem e, ainda, registrar os dados coletados em um produto técnico de fácil acesso para que a comunidade tenha conhecimento dos nomes e dos lugares que compõem o espaço sul maranhense. A metodologia segue numa perspectiva

quali e quantitativa, a partir dos dados pesquisados por meio da investigação de documentação indireta realizada em documentos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do Atlas Toponímico do Estado do Maranhão. Com pesquisa documental, a partir de mapas; e pesquisa bibliográfica, com o auxílio de artigos, teses, dissertações e monografias acadêmicas. A pesquisa traz conceitos acerca da iconicidade que circunda as classificações dos nomes analisados, demonstrando a não-arbitrariedade toponímica. Os resultados preliminares da análise demonstram ainda que a inter-relação língua-natureza é bastante relevante, visto que os nomes de natureza física se sobressaem em relação aos de natureza antropocultural.

Disponível em:

https://sigaa.uemasul.edu.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=1379¬icia=200841375

* * * * *

6.6. Shirley Maria Batista. *Mariana and Brumadinho: Voices of Victims and Justice in the Environmental Disaster of Minas Gerais.* Tesi di Laurea, Università degli Studi di Udine /Lingue e Letterature Europee ed Extraeuropee. Udine, Itália, 2020/2021.

O trabalho está disponível aqui. É necessário digitar “Batista” e fazer login.

<https://servizi.amm.uniud.it/CercaTesi/>

Creio que ele equivale à monografia de final de um curso de Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização), mas é um ótimo trabalho. Aliás, na Università degli Studi di Udine há um grupo de estudos ecolinguísticos sob a orientação da dinâmica Maria Bortoluzzi.

* * * * *

6.7. Erick Samuel Silva Thomas. 2022. *Do “Projeto De Vida” ao “Estudo Orientado”*: interação comunicativa entre docentes e discentes pela perspectiva da Análise do Discurso Ecolinguística.

Resumo: Este projeto busca analisar as interações comunicativas entre docentes e discentes nas disciplinas de “Projeto de vida” e “Estudo Orientado” no Centro de Ensino em Período Integral – CEPI - Gomes de Souza Ramos, na cidade de Anápolis – GO. O material de análise serão 10 aulas dessas atividades: sendo 05 do projeto de vida e 05 do estudo orientado, respectivamente. Será utilizada, nesta pesquisa, a Análise do Discurso Ecolinguística (ADE). Quanto à metodologia, será de natureza qualitativa e interpretativista, de acordo com os princípios dessa teoria. A pesquisa propõe uma reflexão acerca das interações comunicativas que se dão no âmbito das propostas das duas disciplinas mencionadas. Será investigado como essas interações auxiliam ou não o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos e no seu crescimento como cidadãos. Para avaliar se as interações que ocorrem nas disciplinas são efetivas ou não no auxílio e no desenvolvimento dos alunos, serão utilizados depoimentos e entrevistas com os discentes com o intuito de obter respostas que demonstrarão o que se pretende investigar (Projeto de Dissertação de Mestrado, UFG, orientado por Elza Kioko N. N. do Couto).

* * * * *

6.8. Mayara Macedo Assis. 2022. *Ensino de português em contexto italiano: sequência didática para estudo da literatura brasileira e representação da interculturalidade sob o viés da Análise do Discurso Ecolinguística*.

Resumo: A pesquisa aqui apresentada está inserida no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao Grupo de Pesquisa/UFG-CNPq “Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo” e ao projeto “REDE/Itália – O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é oferecer subsídios para o ensino de português brasileiro como língua estrangeira nas instituições italianas envolvidas, bem como promover a integração entre os pesquisadores do PPGLL-UFG e de universidades italianas. Tendo em vista a inserção da pesquisa neste contexto maior, tem-se como objetivo específico a apresentação de uma sequência didática que contemple um recorte da literatura brasileira como sugestão a ser aplicada nas universidades italianas. Sendo assim, propõe-se aqui a leitura de contos pertencentes a autores, movimentos literários e contextos históricos diferentes – abrangendo o cânone e a contemporaneidade – sob o viés da Literatura e da Análise do Discurso Ecolinguística (ADE). Os textos literários escolhidos são: *Um homem célebre* (Machado de Assis), *Meu tio o Iauaretê* (Guimarães Rosa), *A menor mulher do mundo* (Clarice Lispector) e *Yamami* (Marcelino Freire), sendo que a análise de todos eles é perpassada pelas ideias do *Manifesto Antropófago* (Oswald de Andrade), evidenciando a representação da interculturalidade e a relação existente entre língua, literatura e cultura (Projeto de Dissertação de Mestrado, UFG, orientado por Elza Kioko N. N. do Couto).

* * * * *

7. PUBLICAÇÕES

6.1. Livro

Janet C.E. Watson; Jon C. Lovett; Roberta Morano (orgs.). *Language and Ecology in Southern and Eastern Arabia*. Londres: Bloomsbury, 2022 (Bloomsbury Advances in Ecolinguistics).

7.2. Capítulos de livro

7.2.1. Tadeu Luciano Siqueira Andrade. Os diferentes falares na escola à luz da ecolinguística, dos direitos humanos e de o direito achado na rua. In: BOTTEGA, Clarissa et al. (orgs.). *Educação e direitos*, v. 1. Deerfield Beach, LF (EUA): Pembroke Collins, p. 269-286, 2022. No site www.caeduca.com/livros é possível baixar o livro gratuitamente. No site www.pembrokecollins.com pode-se adquirir a versão impressa do livro.

* * * * *

6.2.2. Luís Fernando Pinto Salema. Polimorfismo, desterritorialização e contato entre línguas: O judeu-espanhol no espaço ecolinguístico da Península Balcânica. In: BAUTISTA, Alberto Gómez; MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA; Rosa Lúcia (orgs.). *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias*. Aveiro: Universidade de Aveiro, p. 97-116, 2017. E-book, disponível em:

https://ria.ua.pt/bitstream/10773/17060/1/Ecolinguismo_ebook_2017.pdf

A despeito da expressão “espaço ecolinguístico” do título do capítulo e do “ecolinguismo” do título do volume, o texto não revela conhecimento da Ecolinguística pelo autor, que citou apenas Haugen (1972), de uma época em que a Ecolinguística nem havia nascido. De qualquer forma, valeu a tentativa.

* * * * *

7.3. Artigos

7.3.1. Jamille Luiza de Souza Nascimento & Kelly Cristina Nascimento Day.

Dinâmicas interacionais fronteiriças: O uso do francês nas instituições públicas em Oiapoque. *Macabéa* – Revista Eletrônica do NETLLI, v. 10, n. 1, p. 315-337, 2021.

<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2756/pdf>

* * * * *

7.3.2. Vera Lúcia Santos Alves & Moab Duarte Acioli. Poesia na prosa: a dobra ecolinguística no jornalismo literário contemporâneo. *Filologia e linguística portuguesa* v. 23, n. 1, p. 105-124, 2021.

<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/174542/178379>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v23i1p105-124>

* * * * *

7.3.3. Mayara Macedo Assis & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto. Um possível diálogo entre a Linguística da Enunciação e a Ecolinguística. *Revista letras raras* v. 11, n. 3, 2022.

<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/2446/1904>

<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v11i3.2446>

* * * * *

7.3.4. Manuel Paulo Bengui & Alexandre António Timbane. Os “segredos” socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo: a língua e a cultura em debate. *Revista de Ciências Sociais*, v. 50, n. 3, p. 195–222, 2019/2020.

<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/41082/99491>

* * * * *

7.4. Revistas

A Ecolinguística continua florescendo na China. Acaba de sair o número especial da revista chinesa *JWL*. Um dos organizadores, George M. Jacobs, tem sido um importante colaborador de nosso grupo.

-*Journal of world languages* v. 8, n. 2, 2022. Número especial: “Practical applications of ecolinguistics”. Editores convidados: Meng Huat Chau and George M. Jacobs.

Sumário

Matéria de capa – Frontmatter, p. i-iv.

Editorial

“Practical applications of ecolinguistics”, por Meng Huat Chau, George M. Jacobs, p. 227-231.

Artigos

- “Ecolinguistics: History, today, and tomorrow”, por Hermine Penz, Alwin Fill, p. 232-253.
- ““I never get a thing that ain’t been used”: A diachronic corpus-based study of second-hand consumption”, por Gaëtanelle Gilquin, p. 254-283.
- ““I don’t think education is the answer”: A corpus-assisted ecolinguistic analysis of plastics discourses in the UK”, por Emma Franklin, Joanna Gavins, Seth Mehl, p. 284-322.
- “Ecolinguistics for and beyond the Sustainable Development Goals”, por Meng Huat Chau, Chenghao Zhu, George M. Jacobs, Nimrod Lawson Delante, Alfian Asmi, Serena Ng, Sharon Santhia John, Qingli Guo, Krishnavanie Shunmugam, p. 323-345.
- “Language teachers as eco-activists: From talking the talk to walking the walk”, por Alan Maley, p. 346-370.
- “Eco-critical language awareness for English language teaching (ELT): Promoting justice, wellbeing, and sustainability in the classroom”, por Marco A. Micalay-Hurtado, Robert Poole, p. 371-390.
- “She, he, not it: Language, personal pronouns, and animal advocacy”, por Debra Merskin, p. 391-408.
- “Telling stories of the local natural world: A path of reconnection with language and place in the Emilian context”, por Jessica Hampton, p. 409-433.

Para acessar a revista, clicar aqui:

<https://www.degruyter.com/journal/key/jwl/8/2/html>

* * * * *

8. INFORMAÇÕES

8.1. Encontra-se disponível *online* o livro *Ecologia de les llengües: Medi, contactes i dinàmica sociolingüística* (Ecologia das línguas: Meio ambiente, contatos e dinâmica sociolingüística), do conhecido ecolinguista catalão Albert Bastardas-Boada, publicado em Barcelona, pela Editora Proa, 1996. Para acessá-lo, clicar em:

<http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/127446>

ou

<http://hdl.handle.net/2445/133280>

O livro está em catalão, mas, com um pouco de boa vontade é possível entender o essencial, pois essa língua apresenta muita coisa em comum com o espanhol, o português e o francês. Vale a pena o esforço. Aliás, na Catalunha há muitos outros ecolinguistas, tais como Carme Junyent, Pere Comellas e outros. Todos trabalhando na ecologia das línguas, sobretudo as relações desiguais entre catalão e castelhano.

* * * * *

8.2. Resenha: O livro *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil* (2017), foi resenhado por Pere Comellas-Casanova em catalão, na revista *Treballs de sociolingüística catalana*. Eis a referência completa:

* * * * *

Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil, d’Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, Zilda Dourado, Anderson Nowogrodzki da Silva i João Nunes Avelar

Filho (org.). *Treballs de sociolingüística catalana* n. 29, p. 207-210, 2019. Resenhado por Pere Comellas Casanova. Disponível aqui:

<http://revistes.iec.cat/index.php/TSC/issue/view/9805/showToc>

* * * * *

8.3. Marina Arratia – Universidad Mayor de San Simón (Cochabamba, Bolívia).

Palestra em espanhol sobre a Ecolinguística com ênfase na Linguística Ecológica.

Para ouvi-la, clicar aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=Wje_WMbbc48

8.4. Bibliografia ecolinguística, organizada por Robert Poole, do Departamento de Inglês, da Universidade do Alabama. Ela contém 493 entradas e pode ser acessada aqui:

https://www.zotero.org/groups/4469955/ecolinguistics_bibliography.

O autor informa que é possível organizar dados na Zotero Bibliography por data de publicação a fim de ver as últimas novidades. No Twitter, é possível seguir o autor em @RobertEPoole. O e-mail dele é: repoole@ua.edu